

Lançamento dos livros

“1930 Seis Versões e Uma Revolução” de Eduardo Raposo

“Nordeste: A força da diferença - Os impasses e desafios da cooperação regional” de Ricardo Ismael

Livraria da Travessa Shopping Leblon, 29 de agosto, a partir das 19 horas.

**Avenida Afrânio de Mello Franco, 290, loja 205.
Telefone: 3138-9600**

Livro “1930 Seis Versões e Uma Revolução” de Eduardo Raposo

160 Páginas

Editora Massangana

A Revolução de 1930 na Paraíba adquiriu enorme visibilidade e significado, com colorações apaixonantes e apaixonadas, conservadoras e reformadoras, regionalistas e nacionalistas, que ainda perduram, e que *Seis Versões e Uma Revolução*, de Eduardo Raposo, registram com grande riqueza de detalhes.

A originalidade da pesquisa residiu, em boa parte, em sua abordagem metodológica, baseada na História Oral e na História de Vida e que neste trabalho adquiriu dimensão estruturadora do próprio discurso dos atores. Dar voz aos personagens, identificando e classificando suas diferentes razões e versões, eis o caminho escolhido para construir o objeto da investigação, ressaltando identidades, oposições, visões de mundo, bem como estratégias e interesses estabelecidos.

O interesse do livro reside no fato de que permite identificar um número surpreendente de visões, gerações e correntes políticas agrupadas em torno da trama central que urdiu a Revolução e que, posteriormente, institucionalizou, excluiu e depurou suas principais reivindicações na década seguinte.

O que o livro de Eduardo Raposo nos permite é a leitura compreensiva do grande ciclo fundador da política contemporânea brasileira, a chamada Era Vargas, cuja lógica é, em geral, desvendada apenas em torno do núcleo central do poder, concentrado na região Sudeste, especialmente São Paulo.

Nesse caso, temos o privilégio de observar em profundidade como se comportam os atores políticos na periferia do poder, em uma região marginalizada como o Nordeste, mas dotada de

tradição política e de enorme capacidade de articulação e de negociação no plano da política nacional.

Para finalizar, devemos buscar alguma inspiração nesse trabalho para refletir sobre a importância das assimetrias regionais e das desigualdades espaciais e sociais que predominam em nossa federação de aparência policêntrica, mas profundamente marcada pela dominação da periferia pelo centro.

Dados Biográficos – Eduardo Raposo

Eduardo Raposo, carioca e filho de paraibanos, é doutor em Ciências Políticas, tendo estudado no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e no Instituto de Estudos Políticos de Paris (IEP), para onde retornou nos meses de dezembro de 1998 e janeiro de 1999 na condição de professor convidado. Trabalhou por nove anos no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Desde 1990, é professor e pesquisador do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio, onde foi diretor, coordenando, atualmente, seu programa de Pós Graduação em Ciências Sociais.

Livro “Nordeste: A força da diferença - Os impasses e desafios da cooperação regional” de Ricardo Ismael

350 Páginas

Editora Massangana

Ricardo Ismael analisa as características do federalismo brasileiro, no ambiente posterior à promulgação da Constituição Federal de 1988, procurando sublinhar os diferentes processos que inibem a cooperação entre os governos estaduais do Nordeste do Brasil. O livro mostra que no âmbito regional surgiram novos condicionantes estimulando a disputa entre as unidades territoriais componentes, especialmente entre os estados da Bahia, de Pernambuco e do Ceará, entrando em declínio um padrão de cooperação iniciado nos anos de 1950, voltado para o desenvolvimento econômico da região como um todo.

O autor procura dar visibilidade às ações dos estados nordestinos no *continuum* competição-cooperação, revelando assim novos aspectos da dimensão horizontal da federação brasileira. Isto significa adotar um enfoque bastante promissor na literatura especializada. Em outras palavras, o federalismo brasileiro aparece, aqui, não somente através do texto constitucional e das relações entre a União e os estados brasileiros, mas também a partir dos acontecimentos envolvendo as unidades subnacionais.

Ricardo Ismael enfoca também a evolução do padrão cooperativo dos governos nordestinos durante os anos de 1990. Nesse sentido procura mostrar que duas modalidades principais desta ação regional se destacaram na história republicana. Por um lado, o regionalismo oligárquico, em que a iniciativa cooperativa procurava negociar com o poder público federal recursos voltados para as práticas clientelísticas e para o fortalecimento do poder privado local, restringindo, assim, o avanço da democracia. Por outro lado, a cooperação regional insulada, exercida através das instituições federais que atuavam no âmbito da região, na qual os governos estaduais cooperavam como condição necessária para equilibrar as relações de poder no ambiente federativo e reduzir as desigualdades regionais no país, sem que isto significasse o fortalecimento dos interesses oligárquicos locais.

Nos últimos anos, segundo o autor, verifica-se que os governos estaduais nordestinos preferiram ignorar a cooperação regional, para buscar os meios para o desenvolvimento de seus estados por intermédio de ações estadualistas. Não abandonaram o discurso defendendo um tratamento diferenciado para o Nordeste na federação, tendo em vista a assimetria federativa existente. Entretanto, nos anos de 1990, tornou-se mais importante para os estados do Nordeste procurar atrair os investidores privados, aproveitando assim os ventos favoráveis da descentralização em curso no país, e negociar isoladamente com o governo federal, estabelecendo uma aliança política particular e sem maiores compromissos com as demais unidades estaduais da região.

Ricardo Ismael ressalta ainda que o declínio do federalismo cooperativo dos anos de 1950, as transformações econômicas em curso, e a persistência das desigualdades regionais trazem inquietações e desafios. Para ele o modelo federalista brasileiro modifica-se, sem definir, entretanto, uma identidade. É preciso retomar, portanto, a discussão sobre o tipo de federalismo que deveremos adotar no novo contexto histórico. Nesse sentido, ele conclui com a seguinte questão: Caminharemos na direção do modelo federalista norte-americano, baseado na competição e na autonomia das unidades subnacionais, ou adotaremos o federalismo alemão, que tem como referência a cooperação e a homogeneidade social em todo território nacional?

Dados Biográficos:

Ricardo Ismael nasceu em João Pessoa (PB) no dia 21/02/1960, tendo chegado em 1964 na cidade de Recife (PE) para estudar e fixar residência. Trabalhou na Companhia Hidro Elétrica do São Francisco no período de 1984 a 1992, empresa pertencente ao grupo Eletrobrás. Em 1992 iniciou uma transição profissional com o início do mestrado em Ciência Política no IUPERJ. É professor e pesquisador do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio, onde leciona desde de 1995, exercendo, atualmente, a coordenação da graduação em Ciências Sociais. Nos últimos anos tem procurado trabalhar com os seguintes temas: Federalismo e Desigualdades

Regionais, Instituições Políticas e Avaliação de Políticas Públicas, Estado, Mercado e Desigualdade Social.